


O PROCESSO ONTOLÓGICO DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO HUMANA

Vanderlei Amboni¹
(UNESPAR, Brasil)

 <https://doi.org/10.29404/rtps-v6i10.804>

Resumo: Neste ensaio temos por objeto de análise o homem em seu processo de formação humana com base no trabalho e educação. Partimos da premissa materialista da existência do humano a partir do trabalho, cujo processo constitutivo traz a educação no mesmo elo do devir do homem. Nosso objetivo é analisar o processo de formação humana no processo ontológico do trabalho na interação com a natureza, transformando-a para si, adaptando-se às condições dadas e encontradas no mundo natural transformado em mundo humano, com a matriz teórica do pensamento dialético. O ato de comer, beber, vestir-se, abrigar-se e amar tornados humanos pelo trabalho firmam-se no devir da natureza humana que se materializa em determinada formação humana-social no tempo histórico-humano datado, no qual o homem adquire consciência da própria existência.

Palavras-chave: Natureza Humana, Trabalho, Trabalho e Educação, Formação Humana.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente é Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavai. É membro do Grupo de Pesquisa "Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade" (UEM) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo (GEPEC/UFSCar). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7698-4064> / E-mail: vamboni@hotmail.com

THE ONTOLOGICAL PROCESS OF LABOR AND EDUCATION IN HUMAN FORMATION

Abstract: In this essay we have as an object of analysis the man in his process of human formation based on work and education. We start from the materialist premise of the existence of the human from work, whose constitutive process brings education in the same link as the becoming of man. Our goal is to analyze the process of human formation in the ontological process of work in the interaction with nature, transforming it for itself, adapting to the conditions given and found in the natural world transformed into a human world, with the theoretical matrix of dialectical thinking. The act of eating, drinking, dressing, sheltering, and loving made human through work are established in the becoming of human nature that materializes in a given human-social formation in the dated historical-human time, in which man acquires consciousness of its own existence.

Keywords: Human Nature, Work, Work and Education, Human Formation.

EL PROCESO ONTOLÓGICO DEL TRABAJO Y LA EDUCACIÓN EN LA FORMACIÓN HUMANA

Resumen: En este ensayo tenemos como objeto de análisis al hombre en su proceso de formación humana basado en el trabajo y la educación. Partimos de la premisa materialista de la existencia del ser humano a partir del trabajo, cuyo proceso constitutivo trae la educación en el mismo eslabón que el devenir del hombre. Nuestro objetivo es analizar el proceso de formación humana en el proceso ontológico del trabajo en la interacción con la naturaleza, transformándola para sí, adaptándose a las condiciones dadas y encontradas en el mundo natural transformado en mundo humano, con la matriz teórica de dialéctica pensando. El acto de comer, beber, vestirse, abrigarse y amar hecho humano a través del trabajo se establece en el devenir de la naturaleza humana que se materializa en una determinada formación humano-social en el tiempo histórico-humano fechado, en el que el hombre adquiere conciencia de la propia existencia.

Palabras clave: Naturaleza humana, Trabajo, Trabajo y educación, Formación humana.

Introdução

[...] A historicidade de um único homem implica a historicidade de todo o gênero humano. O plural é anterior ao singular: se somos, sou e se não somos, não sou. A questão fundamental da historicidade é a pergunta de Gauguin: “De onde viemos, o que somos e para onde vamos?” (HELLER, 1981, p. 15).

Este trabalho tratará da formação humana no processo de materialidade do homem. O aspecto fundante do homem se manifesta no trabalho, cuja centralidade é a luta pela vida e, conseqüentemente, seu afastamento da barreira natural como epílogo de hominização. Nesta circunstância, o ser homem se constitui em um ser em formação, que

trava uma luta diária pela vida, o que o diferencia dos animais por um caráter negativo, “[...] a ausência relativa, no homem de uma regulamentação instintiva do processo de adaptação ao mundo que o rodeia. [...]” (FROMM, 1963, p. 43-44), o que o leva a ter que enfrentar as adversidades da vida pela sobrevivência. O ato de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar é um ato realizado pelo ser do trabalho, como condição primeira de sua existência e de sua formação como humano. Portanto, o objetivo é compreender como o homem (ser da natureza) se objetiva como homem (ser do trabalho) no seu devir histórico, uma vez que “[...] Ele não pode voltar ao estado pré-humano de harmonia com a natureza; tem de prosseguir para desenvolver sua razão até que se torne o senhor da Natureza, e de si mesmo”. (FROMM, 1963, p. 45). Nesta perspectiva, o homem, que não foi expulso do paraíso, integra a natureza como objeto de sua razão para torná-la objeto de produção e de transformação por meio do trabalho como ato pensado. Há, portanto, consciência, razão e imaginação no ato de rompimento da harmonia entre homem e natureza, que o caracterizava na sua existência animal. Dessa forma, “[...] Os seres humanos descobrem que não estão sós no mundo, nem realizam a sua existência de modo solitário e isolado. Ele necessita construir inter-relações com outros seres humanos e com a natureza”. (RODRIGUES, 2001, p. 248).

Corroborar nossa tese o pensamento de Lukács (2013, p. 82), que afirma:

Também sob esse aspecto o trabalho se revela como o veículo para a autocriação do homem enquanto homem. Como ser biológico, ele é um produto do desenvolvimento natural. Com a sua autorrealização, que também implica, obviamente, nele mesmo um afastamento das barreiras naturais, embora jamais um completo desaparecimento delas, ele ingressa num novo ser, autofundado: o ser social.

Dessa forma, nascer como homem é um processo histórico que se vincula com o trabalho na produção da existência material que funda o ser social. Neste processo, ao homem nada é dado, tudo é processo de produção da vida, uma vez que ele se apropria da natureza transformando-a em elemento para si, na qual a ajusta para servir-se dela. O homem, no seu processo constitutivo de hominização, traz a dimensão da educação como processo histórico humano-social. O processo de hominização ocorre com o seu afastamento da barreira natural, no qual passa a produzir a própria existência e o liga diretamente a natureza, como fonte de vida e de criatividade. Na luta pela vida o homem se afasta do meio natural ao produzir sua existência material e, com ela, as condições de se reproduzir como homem-humanidade, pois a história do homem remonta a milhões de anos de luta pela vida cotidianamente. Este processo é complexo, mas deixou suas marcas e registros em paredes de cavernas, nos rituais da morte, nas cerâmicas produzidas e em espaços do sagrado que foram criados como elo espiritual, dentre outros vestígios deixados pelos homens no seu devir histórico. Com efeito, Heller (1981, p. 46), afirma: “[...] aprendemos a ler as mensagens de nosso remoto passado, e não apenas as catedrais românicas, mas também as esmaecidas pinturas das cavernas, o machado de pedra e os esqueletos de humanoides desaparecidos que atestam esse passado [...]”. No ato de aprender a ler o mundo e a cultura material presente na história dos homens no seu devir histórico se constata a peculiaridade do homem em ter aprendido a fabricar instrumentos de trabalho como atividade consciente e de ir acumulando conhecimento sobre a atividade e, ao mesmo tempo, aperfeiçoando os mesmos ao longo de sua existência, o que permitia um incremento progressivo na produção da vida por meio do trabalho. Dessa forma, as atividades conscientes no processo de transformação da natureza permitiram ao

humanoide dar um salto ontológico como um ser capaz de fabricar instrumentos, acumular e transmitir o conhecimento adquirido no desenvolvimento das atividades feitas na luta pela vida. É o homem criando o mundo humano, humanizando-se no processo do trabalho, no qual vai moldando métodos de ensino e de aprendizagem no seu *vir-a-ser*, pois "O mundo humano é esse mundo diferenciado, construído simbolicamente e que, quanto mais complexo, mais denuncia a distância entre o mundo humano e toda a chamada realidade primeira" (RODRIGUES, 2001, p. 247-248). Em outras palavras, "podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento da sociedade humana" (LIONTIEV, 2004, p. 285).

Para tanto, nosso objeto será investigado por meio da literatura dos intelectuais que estudaram a relação homem, trabalho e educação: Karl Marx, Gyorgy Lukács, Alexei Lontiev, Erich Fromm, Álvaro Vieira Pinto, Agnes Heller, Demerval Saviani, dentre outros. Nesta perspectiva de estudo, apresentamos dois métodos: o da investigação e o da exposição cujo resultado do trabalho apresentamos ao leitor.

No princípio era o verbo

O homem adquire à nascença, através da hereditariedade, uma constituição biológica que devemos considerar fixa ou inalterável, incluindo os desejos naturais que são característicos da espécie humana. Além disso, durante a sua vida, adquire uma constituição cultural que adota da sociedade através da comunicação e através de muitos outros tipos de influências. É esta constituição cultural que, com a passagem do tempo, está sujeita à mudança e que determina, em larga medida, a relação entre o indivíduo e a sociedade (EINSTEIN, 1949, s/p).

O humano não está presente no nascimento do homem. Ele é um processo em construção, cujo ápice ocorre no seu afastamento da barreira natural, sem o qual o homínide não se manifestaria no processo constitutivo do homem. Para compreender sua existência se faz necessário compreender o trabalho no seu processo formativo e na materialidade da vida, cujo processo de mediação realizada na natureza, age-se como trabalho e transforma a natureza em processo de vida transformada como ente da natureza. O ato de agir sobre a natureza é o ato que permite ao homem comer, beber, vestir-se, se abrigar, amar e reproduzir-se como tal, mas o faz em constante transformação. No ato de reproduzir-se materialmente, transforma e adapta a natureza ao seu devir, como devir histórico e dialético, pois "[...] A vida quotidiana de uma comunidade exigia um grande número de observações do ambiente natural e uma determinada capacidade de intervenção a fim de garantir o abastecimento, a defesa, a segurança" (TREBESCHI, 1977, p. 27). Nesta caminhada, Heller (1981, p. 35-36) afirmava que "o homem torna-se sujeito da história, mas não a pessoa. Esta fica sujeita à história. O homem é universal, mas a pessoa, não". A universalidade da vida do homem é um feito histórico na luta pela vida. Neste caso, não há a história da pessoa em um ato isolado no seu processo de afastamento da barreira natural, pois a pessoa pressupõe uma determinada formação humana, cuja base reside a

produção da existência como homem, como um ser que vive em sociedade. Nesta perspectiva, Rodrigues (2001, p. 248) assevera:

Para viver esse mundo cada um deve ser preparado para se relacionar com o existente, adaptar-se ou a ele se adequar na qualidade de herdeiro dos produtos das gerações que o precederam. Como esse ser é dotado de vontade infinita, mas de possibilidade finita, há de disciplinar essa vontade para que ela possa ser ajustada à realidade em que se está colocado. De algum modo, o mundo já existia antes dele, recepciona-o e o convida a ser participante de sua reconstrução. Além de herdeiros, os novos sujeitos humanos precisam desenvolver meios próprios para participarem na conservação e na transformação do mundo humano.

Portanto, a existência do homem é um produto do trabalho, cuja premissa básica é a relação homem-natureza na produção da existência material e seu resultado primário é a criação do mundo do homem na natureza. Nesta perspectiva, cabe uma pergunta. O que é o homem? Em resposta, Lombardi (2011, p. 103) assevera, “[...] O que o homem é, o é pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico”. E, no processo histórico da existência do homem pelo trabalho ele deixa suas marcas indeléveis na história, cujos vestígios e bens materiais produzidos no devir do homem são pontos-chave para estudar a história do homem e sua existência material como humanidade.

Com efeito, Moretti *et al.* (2011, p. 479) sustentam também o mesmo princípio, pois afirmaram que

Ao agir intencionalmente sobre a natureza, visando transformá-la de modo a satisfazer às suas necessidades, produzindo o que deseja e quando deseja, o homem ao mesmo tempo em que deixa sobre a natureza as marcas da atividade humana, também transforma a si próprio constituindo-se humano (MORETTI *et al.*, 2011, p. 479).

Para Trebeschi (1977), o homem é um ser que organiza sua vida por meio de projetos na intervenção com a natureza, o que exige uma racionalidade e uma prévia ação no pensamento na sua elaboração e essa ação parte do mundo sensível, dos meios dados e encontrados na natureza. Dessa forma, aqui cabe uma pergunta, como nasce a capacidade para realizar novos projetos? Com efeito, Trebeschi (1977, p. 28) responde,

Há os que afirmam que nasce das mesmas exigências do trabalho, das modificações dos instrumentos de trabalho (como, por exemplo, as devidas à introdução do uso do metal, do fogo, etc.) que influenciam as relações entre os homens que favorecem o início a luta e dos conflitos. A passagem, por exemplo, do modo de vida nômade dos pastores, não ligados à terra, ao modo de vida dos agricultores, ligados ao campo cultivado e guardiões zelosos de uma propriedade sempre ameaçada, introduziu novas formas de trabalho e de produção de bens, facilitou o aparecimento de novos egoísmos, mas também facilitou o aparecimento da capacidade de trabalhar exactamente segundo projectos. Sob este ponto de vista, pensa-se que tenha sido a própria vida organizada, com suas necessidades e os seus perigos, que empurrou o homem para a realização do trabalho criativo.

O trabalho materializado no cotidiano da vida associado à necessidade presente no cotidiano em superar as dificuldades e os limites dados e encontrados na produção da existência impõe ao homem uma condição imperativa na luta pela vida, a se afastar cada vez mais dos instintos e a racionalizar seus atos, o que o leva a ser um sujeito criativo nos seus atos. Na aurora da hominização o homem já apresenta uma característica de sua essência: ele é um ser que dá resposta. Neste ponto, corrobora nosso estudo a afirmação de Lukács (2007, p. 229), “com justa razão se pode designar o homem que trabalha, ou seja, o animal tornado homem através do trabalho, como um ser que dá respostas”. Há aqui,

portanto, uma ação afirmativa de um processo racional pelo homem, pois ele é um ser que dá resposta às suas necessidades e as respostas vem no sentido do trabalho, como produtor de si mesmo, mas também como produtor dos meios necessários para suprir as necessidades decorrentes da sua luta pela vida material. Neste sentido, Lukács (2007, p. 229) argumenta que:

[...] o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas [...].

Ou seja, ele manifesta uma profunda inquietação sobre si mesmo e sobre as atividades que realiza como meio de reprodução social. Dessa forma, ele organiza e realiza suas atividades de forma não repetitiva e o realiza em ato pensado pela razão, não de forma instintiva, o que o diferencia dos demais animais. Sua ação é mediatizada pelo uso da razão no ato do trabalho que executa e estes atos são resultados de uma ação previamente planejada no pensamento. Nesta perspectiva, Trebaschi (1977, p. 28) afirma:

O facto do homem, já no trabalho, ser levado a considerar a natureza ordenada de acordo com determinadas regras, continuará a ser considerado uma disposição inconcebível da inteligência humana, em certa medida análoga à atitude da abelha ou da aranha, que a seu modo, são igualmente inteligentes, se não interviesse a capacidade de trabalhar de acordo com novos projetos, diferentes e não repetitivos. Também o homem se teria tornado um animal laborioso, mecanicamente organizado, destinado à repetição.

Na aurora da criação do mundo há uma luta diária pela vida, na qual o humanoide vai se transformando lentamente em homem por meio das atividades exercidas pelo ato do trabalho e do processo de reconhecer os objetos exteriores a ele no processo de sua existência, o que o leva a acumular conhecimento sobre as atividades desenvolvidas, sobre os objetos criados e sobre a natureza exterior a ele. Dessa forma, ele passa a viver não mais de forma instintiva, mas de ato pensado. Portanto, o que antes era verbo, agora se torna carne. E, nesse processo, Leontiev (2004, p. 291) nos diz que “o movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações das aquisições da cultura humana, isto é, com educação”.

A esse propósito, Heller (1981, p. 15) escreveu:

A soleira para a humanidade é cruzada no momento em que as normas substituem os instintos. Só podem ser denominados humanos aqueles seres cujas ações e modos de comportamentos se desenvolvem através de sistemas e instituições de conduta, exteriores a um determinado membro da espécie no momento do seu nascimento [...].

Lukács também afirma este princípio. Nesta perspectiva, Lukács (2007, p. 238) sustenta que ele “[...] transforma-se de espécie animal que alcançou um certo grau de desenvolvimento relativamente elevado em gênero humano, em humanidade. [...]”. Na luta desenvolvida diariamente pela sobrevivência, uma determinada espécie animal vai se transformando lentamente em homem à medida que seu intelecto se desenvolve pela atividade produtiva, o que o obriga a dar respostas às carências vividas em sua existência. E ele o faz pelo trabalho. Neste sentido, Trebaschi (1977, p. 27) assevera:

Sabe-se que o homem trabalha para viver e, nos limites das suas possibilidades, força a natureza aos próprios fins; mas o conhecimento científico ultrapassa este conhecimento prático e, para se

apresentar e afirmar, deve ser contido por um impulso diferente do instinto elementar de sobrevivência, que é contido, a arma que permitiu à humanidade lutar e não morrer.

Contudo, Heller (1981, p. 35) questiona:

A questão sobre 'o que o homem é' fica subordinada a outras questões. A consciência da universalidade refletida entende nossa existência em termos de seu cenário social mutável. Deve-se responder ao que é a história, ao que é a civilização. O homem *tornou-se* aquilo que ele é na história, na civilização [...].

Entretanto, Fromm (1963, p. 43) afirma o primado sob o qual

Um indivíduo representa a raça humana: ele é um exemplo específico da espécie humana. Ele é 'ele' e é 'todos'; ele é um indivíduo com suas peculiaridades e, nesse sentido, sem igual, mas ao mesmo tempo é representativo de todas as características da raça humana. Sua personalidade individual é determinada pelas particularidades da existência humana, comuns a todos os homens [...].

O sentido que Fromm expressa às particularidades do indivíduo é sua genética de humano, cujo processo de hominização já está acabado e em processo contínuo de luta pela vida, no qual a ação determinante é o trabalho. Portanto, a ação desencadeada com o afastamento da barreira natural pelo homem produz uma qualidade e qualificação, a do ser do trabalho, pois ela não é só um fator que é exterior ao homem, mas também o fator que o constitui como homem (ser genérico) e este ato potencializa realizar sua humanização e a criar o mundo humano e social. Com efeito, Vieira Pinto (1960, p. 60-62) argumenta:

O trabalho não é apenas atividade exercida exteriormente pelo homem, mas fator constitutivo da sua natureza, no sentido de que é por intermédio dele que se realiza a humanização progressiva do homem, e que cada um constrói a sua consciência da realidade, [...] ao falar do trabalho, estamos significando a prática social em sentido amplo, entendendo como tal tanto a ação modificadora direta sobre a natureza material [...] quanto as ações transfiguradoras que alguns homens exercem no sistema das relações sociais, pela produção de ideias, pela atuação administrativa, pelos cuidados com a segurança coletiva, as quais, sem serem propriamente produtoras de objetos, são contudo formas de operação sobre a realidade, no plano social.

Corroborando na discussão a perspectiva apresentada por Morschbacher (2019, p. 53), pois ela assevera que:

O ser humano desenvolve a sua universalidade ao se elevar sobre a natureza em uma relação dialética entre o natural e o socialmente produzido. A sociedade produz o homem enquanto homem e é produzida por ele. As condições materiais que estão na base do desenvolvimento da sociedade são o resultado da ação humana. O trabalho representa, assim, um elemento chave para compreender a historicidade da realidade.

No texto de Morschbacher fica evidenciado que o trabalho – mediação entre homem e natureza – é o elo que assegura a humanização e a humanidade presente no ser ontológico do homem, pois este ganha consistência humana criando o mundo humano e humanizando o ato de comer, beber, vestir, se abrigar e amar. Dessa forma, o ser ontológico do homem se objetiva no trabalho e o transforma à medida que transforma as relações de trabalho por meio da práxis consciente do homem. Com efeito, Rodrigues (2001, p. 251) nos diz que:

[...] O ser humano, produto da racionalidade, desenvolve as diversas formas de linguagens com o que incorpora e produz o mundo natural e cultural, bem como cria meios e fins para disciplinar e para organizar seu modo de existir. Esses meios e fins são identificados nas regras da vida social, nas formas institucionais criadas para agregar e promover a vida social nos projetos de futuro que desenha para

si e para a humanidade. Encontramos estes produtos nas instituições religiosas, na família, no Estado, nas leis, nas regras morais, nas instituições punitivas, nas empresas, nas instituições científicas e tecnológicas, nas organizações internacionais e corporativas.

Em síntese, só o homem, como ser social, torna sua própria existência complexa no seu processo evolutivo, uma vez que a superação de necessidades presentes no devir do homem surge novas formas de intervenção na natureza e, com ela, novas formas de adaptação tanto de si mesmo quanto da própria natureza em sua práxis social, sem perder as dimensões de sua existência fundada no trabalho e educação enquanto elo de hominização e de humanização.

O verbo se fez educação

A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses. (VIEIRA PINTO, 1987, p. 17).

O ato de educar pressupõe uma intencionalidade, cujo processo se manifesta na sociedade. Educar é um princípio social a todos os componentes da sociedade. Mas esse princípio engendra em si uma contradição que é a negação da universalidade do processo educacional. Para uns, todos os aspectos fundante da vida social e o conhecimento acumulado pelo devir do homem. A outros, de maneira geral, os rudimentos para se moverem na sociedade e as práticas do trabalho como processo de reprodução da vida social. O homem é, na extensão do trabalho, um ser que produz sua própria existência na natureza humanizada, cujo primado pressupõe a produção para a extensão da vida social e ganha historicidade. Nesta perspectiva, para Heller (1981, p. 14), "A historicidade não é apenas alguma coisa que acontece conosco, uma mera propensão, na qual nos 'metemos' como quem veste uma roupa. Nós somos historicidade: somos tempo e espaço. [...]", cuja presença no mundo está dada pelo homem nas suas formações sociais e no modo de produzir a existência da vida, nas condições dadas e encontradas no mundo real. Neste processo, Guedes (2007), ao analisar a obra de Duarte (1993), afirmou:

Ao assegurar sua existência física, por meio do trabalho, o homem dá o primeiro passo em direção ao processo histórico de sua humanização, na medida em que, ao apropriar-se dos elementos da natureza, pelo trabalho, ele os transforma para a satisfação de suas necessidades vitais. Nesse ato de apropriação e transformação, o homem também se transforma objetiva e subjetivamente. Ou seja, ao apropriar-se da matéria prima natural e transformá-la em objetos para a satisfação de suas necessidades vitais, o homem cria uma nova função para o objeto de sua apropriação. Esse ato de criação gera, para ele, novas necessidades de apropriação e objetivação. Portanto, por meio do processo de apropriação e objetivação, que é mediado pelo trabalho (sua atividade vital), o homem cria uma realidade humana e se humaniza objetiva e subjetivamente (GUEDES, 2007, p. 4-5)

Por sermos tempo e espaço, as formas de produção são determinadas pelo homem no seu tempo histórico e o trabalho é sua extensão. Com efeito, o trabalho, como atividade exterior ao homem, é acumulado e sua forma de transmissão do conhecimento é uma via descendente, onde a geração que aprendeu ensina aos outros o que aprendeu, pois o conhecimento não é inato aos mesmos. A abelha também trabalha em uma linha de produção como certos animais também trabalham. Mas o processo contido no mesmo se dá pela transmissão hereditária, o que pressupõe a carga genética na reprodução da

colmeia. Na natureza, o único ser capaz de transmitir conhecimento de forma racional é o homem, cuja existência material tem por base o trabalho, mas a condição de sua reprodução é a educação. Dessa forma, Rodrigues (2001, p. 243) sustenta que:

[...] O ser que ele é, no ato de seu nascimento, será transformado para algo absolutamente diverso. Logo, o que é ao nascer, não-é, pois é apenas uma possibilidade, um projeto, uma intenção de futuro. A esse ser, que é apenas um devir, será oferecida uma possibilidade de vida, tanto do ponto de vista da sobrevivência quanto da realização de outras condições e possibilidades. Isso aponta para o fato de que o ser humano recebe uma educação que tem por fim produzir nele uma rejeição ao que lhe é dado no nascimento, como natureza, para se tornar algo novo num mundo igualmente novo: uma vida inserida no mundo da cultura. E essa cultura nada apresenta de fixo e imutável, pelo contrário, é um eterno movimento em direção a algo que não se sabe o que pode ser.

Com efeito, Saviani (2007, p. 154) assevera que:

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo.

A atividade de trabalho, que agrega conhecimento e instrumento de intervenção na natureza é o caráter de sua exterioridade. Neste processo, ao libertar o dedo polegar permitiu aos proto-humanos segurar objetos e de ter as mãos como instrumento de trabalho, cuja materialidade os permitem agir sobre a natureza, transformando-a para si, pois se torna objeto de conhecimento e de ação diante do processo de humanização do homem e da natureza. Neste processo, a natureza se objetiva na qual o homem também se objetiva, pois ambos são objetivados pelo trabalho, na qual são transformados de forma objetiva. Na natureza, as transformações ocorrem por um duplo processo. No processo interno, há a ação das variações climáticas e do seu próprio metabolismo, como vulcões, tempestades, terremotos etc. No processo externo, as ações do homem. No homem, as transformações são constantes, pois no ato do trabalho, na ação sobre a natureza ele se objetiva, se transforma e objetiva uma relação social em consonância com o desenvolvimento das forças produtivas. Ao objetivar uma relação social ele objetiva também um determinado modo de organizar a vida material e, com ela, todo um processo de educação, cujos valores são determinados pelo modo de produzir a vida, portanto, de uma determinada forma de trabalho presente na vida social.

A esse propósito, Vieira Pinto (2005, p. 37) nos diz:

O homem é um ser destinado a viver necessariamente na natureza. Apenas, o que se entende por 'natureza' em cada fase histórica corresponde a uma realidade diferente. Se no início era o mundo espontaneamente constituído, agora que o civilizado consegue cercar-se de produtos fabricados pela arte e pela ciência, serão estes que formarão para ele a nova 'natureza'.

Dessa forma, o homem nasce na luta diária pela vida. Nesta luta diária, ele transforma a natureza em objeto, cria o mundo humano e as formas de transmitir a herança da cultura material acumulada no devir histórico do homem. Neste ato, o verbo se fez carne na construção da didática da vida material, cuja materialidade é o processo de ensino estabelecido no meio social como elemento-chave para mover-se no mundo humano e do processo de reprodução da vida material. Nela está contida toda ação de ensino, pois "[...] na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala

dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder [...] (BRANDÃO, 1981, p. 14). Desse modo, a educação é constituída e constituinte da vida social e, [...] a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano [...] (BRANDÃO, 1981, p. 14), pois "a capacidade de responder aos estímulos sociais, de criar hábitos de convívio social e de ministrar trabalho útil para si e para os outros é inerente ao ser humano por sua simples constituição [...]". (VIEIRA PINTO, 1987, p. 47). Ou seja, o homem, por sua natureza biológica transformada pelo trabalho, cria necessidades humanas para além do comer, beber, vestir-se, abrigar e amar. Ele cria a necessidade de comunicação como meio de viver em grupo, cujo princípio ele o faz por gesto até o nascimento da linguagem, em um longo processo na luta pela sobrevivência. Neste elo, afirma-se a educação como processo de transmissão da cultura material acumulada no devir do homem. Neste processo, o ser consciente determina a vida, mas essa determinação não é dada, não é inata ao homem. Ela é construída na relação trabalho/natureza pelo ser que colocou em movimento todo conhecimento necessário à atividade, que é um ato pensado para a execução, o que coloca em movimento educação e trabalho na determinação objetivada pelo ser social ao produzir a existência material. O ser do homem é um ser social, cuja premissa estabelecida pela sociabilidade está determinada historicamente pelo trabalho. A humanidade do homem é expressa em seu o próprio fardo, que é o trabalho. Neste sentido, o homem é trabalho materializado e se encontra condicionado a executá-lo para reproduzir-se como tal. O ato de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar é um ato humano, que o diferencia dos demais animais pela maneira do que come, do que bebe, do modo como se abriga e se veste, que o protege e o permite a se adaptar em qualquer lugar e pela humanização do ato de amar, o que resulta na sociabilidade humana. Com efeito, Vieira Pinto (1962, p. 09), assevera que:

[...] a sociabilidade dos homens surgiu e foi se desenvolvendo em formas diversas ao longo do tempo, por efeito do modo particular como esses seres se relacionaram com a natureza no provimento das condições indispensáveis à sustentação da sua vida, por efeito das necessidades impostas pela execução dessa relação vital com o mundo natural, numa palavra, como resultado do trabalho.

Neste processo, a materialidade do homem é produto do trabalho, pois engendra uma relação mediatizada pela sociabilidade da vida social, que é a educação. Neste ponto de vista, o homem ensina e aprende sob determinada relação de trabalho. Neste sentido, Saviani (2007, p. 154) chama a atenção pela sua reflexão:

Diríamos, pois, que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie.

Nesta perspectiva, o processo de educação é social na vida do homem. Exemplo. As pinturas ditas rupestres, que tinham um caráter educacional. Nelas se mostravam como agir em grupo para caçar um animal, se defender e atacar a presa em grupo, deixando o animal atordoada frente ao ataque em grupo. Neste processo, há um fenômeno puramente humano que nasce das necessidades humanas na luta pela vida, que é o manter-se vivo para depois fazer história. Eis a premissa marxista sob a qual validamos no trabalho, a

premissa sob a qual a história de toda humanidade é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos, e o primeiro fato a constatar é a organização física destes indivíduos e sua relação com a natureza, portanto, de pressupostos reais da existência dos indivíduos, vivos, reais, que produzem sua existência material a partir das condições dadas e encontradas na natureza. Diz Marx e Engels (2007, p. 86-87), “[...] São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação [...]”.

Para tanto, Marx e Engels (2007, p. 32-33) sustentam que:

[...] devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos [...].

O primeiro ato histórico do homem, portanto, é sua ação sobre a natureza. Dessa forma, ao agir sobre a natureza o homem realiza um trabalho e da materialidade a um objeto que ele aprendeu a “fabricá-lo” por meio da experiência acumulada e didaticamente ensinada às gerações posteriores. Neste processo, a geração mais nova é educada dentro da premissa social, na qual os indivíduos são ensinados a viverem de acordo com o preceito dado e estabelecido socialmente para cada organização social existente. Neste processo ele se move no mundo criado, por mais que esta sociedade seja iletrada. Ele aprende a se mover na sociedade em que habita, produzir as necessidades da vida material e a se reproduzir como homem e como sociedade. A partir das relações de trabalho presentes na vida do homem vai se constituindo as formações sociais e, com ela, uma forma de educação e uma superestrutura dominante na vida social, que agirá no controle das relações sociais do trabalho existente. Portanto, agirá como classe social dominante, cujo processo centralizador é a educação como processo social. Com efeito, Vieira Pinto (1987, p. 17) afirmara “[...] educação é formação (*Bildung*) do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos”. Portanto, o primado trabalho e educação é o sustentáculo da vida social, cujo processo evidencia todo o desenvolvimento produtivo e base social do homem.

A esse respeito, Lïontiev (2004, p. 301) nos diz que:

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso de sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal.

E neste processo está a vida em sociedade, cuja materialidade está expressa na reprodução da cultura material existente no processo de formação do homem no mundo humano. Ou seja, é a sociedade criada pelo homem no seu devir histórico, mas esta forma de sociedade depende das condições dadas e encontradas na natureza. E o que é a sociedade?

Para refletir sobre o que é sociedade, Eistein é um ponto de referência, pois ele assevera que, para o homem, ela é tudo. Neste sentido, Eistein (1949, s/p) sustenta que:

O homem é, simultaneamente, um ser solitário e um ser social. Enquanto ser solitário, tenta proteger a sua própria existência e a daqueles que lhe são próximos, satisfazer os seus desejos pessoais, e desenvolver as suas capacidades inatas. Enquanto ser social, procura ganhar o reconhecimento e afeição dos seus semelhantes, partilhar os seus prazeres, confortá-los nas suas tristezas e melhorar as suas condições de vida. Apenas a existência destes esforços diversos e frequentemente conflituosos respondem pelo carácter especial de um ser humano, e a sua combinação específica determina até que ponto um indivíduo pode atingir um equilíbrio interior e pode contribuir para o bem-estar da sociedade. É perfeitamente possível que a força relativa destes dois impulsos seja, no essencial, fixada por herança. Mas a personalidade que finalmente emerge é largamente formada pelo ambiente em que um indivíduo acaba por se descobrir a si próprio durante o seu desenvolvimento, pela estrutura da sociedade em que cresce, pela tradição dessa sociedade, e pelo apreço por determinados tipos de comportamento. O conceito abstracto de 'sociedade' significa para o ser humano individual o conjunto das suas relações directas e indirectas com os seus contemporâneos e com todas as pessoas de gerações anteriores. O indivíduo é capaz de pensar, sentir, lutar e trabalhar sozinho, mas depende tanto da sociedade – na sua existência física, intelectual e emocional – que é impossível pensar nele, ou compreendê-lo, fora da estrutura da sociedade. É a 'sociedade' que lhe fornece comida, roupa, casa, instrumentos de trabalho, língua, formas de pensamento, e a maior parte do conteúdo do pensamento; a sua vida foi tornada possível através do trabalho e da concretização dos muitos milhões passados e presentes que estão todos escondidos atrás da pequena palavra 'sociedade'.

No texto de Eistein contém a premissa estabelecida de que o verbo se faz educação e está presente na vida em sociedade desde o ato constitutivo do homem. Ao afastar-se da barreira natural e produzir a vida material o homem cria formas de sociabilidade (vida social) e formas de reprodução do que aprendeu na luta pela vida, pois no nascimento do indivíduo só há a transmissão genética de suas características físicas, os demais elementos constitutivos do homem enquanto ser social é dado e transmitido pela educação. Com efeito, Saviani (2007, p. 153), sustenta que “os homens apropriavam-se coletivamente dos meios de produção da existência e nesse processo educavam-se e educavam as novas gerações”. Não obstante, Maceno (2005, p. 30) afirma que:

[...] a existência humana é indissociável da educação. Quando o trabalho funda o homem, junto com ele é fundada a educação como necessidade inexorável para a realização do trabalho. Mesmo nas formas de organização social mais simples, onde predominam as posições teleológicas que visam transformar diretamente a natureza, a educação comparece como condição imprescindível para, em última instância, garantir a realização do trabalho.

Nas palavras de Maceno, no devir do homem há um duplo caminho a percorrer, sem o qual não há a presença do humano na sociedade. O trabalho no devir fundante do homem, a educação no processo de garantir a transmissão da cultural material e o trabalho, agora como reprodução do ser social. Portanto, trabalho e educação são elos concomitantes no devir da criação do mundo humano.

Educação e trabalho: a formação do homem

Mas é bom que se atente para a consideração de que ela não pode ser de responsabilidade de nenhum indivíduo isoladamente, nem mesmo de qualquer instituição especializada. Nenhum indivíduo isoladamente, por melhor preparo que tenha, será capaz de oferecer a outro a plenitude da formação de que ele necessita, bem como nenhuma instituição, ainda que seja definida como

educativa, poderá dar conta desse papel. Essa tarefa é de responsabilidade social. Pode ser que a sociedade não realize a melhor educação que se deseja, mas ela realizará a melhor educação possível (RODRIGUES, 2001, p. 244).

Educa-se o homem para viver em sociedade, cujo primado é dado por Kant ao afirmar que “o homem é a única criatura que precisa ser educada”. Esse processo é histórico-social e independe de a cultura humana ser letrada ou não. Educa-se o homem para viver uma vida em sociedade, cujos valores sociais o humanizam no processo de formação e do trabalho como elo de produção social. Neste aspecto, o homem é ser social e sua existência também é social, mas sua existência está diretamente ligada ao trabalho (como mediação homem-natureza) e formação humana (como educação) no devir histórico da existência do humano. O devir histórico traz a história do homem na vida social e, com ela, traz sua presença no mundo humanizado, um mundo em que o homem se encontra afastado da natureza, mas em plena vida mediada pela natureza. Nesta perspectiva, Rodrigues (2001, p. 240) afirma o primado da educação sobre o homem, pois,

[...] a Educação é necessária para que o Ser Homem seja constituído. O Homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar, se re-criar como Ser Humano. Esse ser deverá incorporar uma natureza em tudo distinta das outras criaturas. Ao nascer não se encontra equipado nem preparado para orientar-se no processo de sua própria existência.

Neste sentido, o homem traz uma história e “[...] uma história significa um ‘estar-nos no mundo’. Trata-se de uma unidade organizada de informações a respeito do mundo no qual o evento ocorreu, a qual nos informa de modo coerente, sobre o que, como e por que aconteceu [...]” (HELLER, 1981, p. 71). Reside, aqui, um aspecto fundante do que se educa. Educa-se um ser que tem história e tem consciência de sua história, que se move no mundo por meio da razão consciente de sua existência. E esta razão consciente traz o devir histórico da consciência da mudança provocada pelo ato humano. Com efeito, na luta pela vida ele desenvolve as formas de organização da produção da vida, de reprodução social e as respectivas instituições de regulação social. Dessa forma, nos lembra Guedes (2007, p. 1) que “[...] ao longo da história humana, a atividade educativa desenvolveu-se assumindo formas e conteúdos diversos, os quais são apropriados e objetivados em conformidade com as condições materiais de produção e reprodução da vida”. Por sua vez, Maceno (2017, p. 23) assevera que “A educação, [...], é um complexo indissociável da sociabilidade; como tal, aparece quando esta surge. Sua origem, e, por consequência, sua função social remetem ao surgimento dessa esfera do ser, mais complexa, que é o ser social”. Com efeito, Lukács (2013, p. 178) observa que a essência da educação “consiste em influenciar os homens no sentido de reagirem a novas alternativas da vida do modo socialmente intencionado”. Neste sentido, a educação é um ato intencional que cumpre com uma determinada função na vida social, a qual age sobre o indivíduo para confirmar seu modelo de vida social, mas sujeito as transformações com a dinâmica da vida material. Por isso, assevera Rodrigues (2001, p. 243) “[...] educar implica retirar do indivíduo tudo que o confina nos limites da Natureza e dar a ele uma outra conformação, só possível na vida social”.

Nesta perspectiva, Freire (2011, p.128) argumenta que:

É como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Sendo através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, que os homens simultaneamente, criam a história e se fazem seres históricos-sociais.

Isso é muito significativo, pois Engels proferiu um discurso diante do túmulo de Marx, em 17 de março de 1883 no qual afirmara que Marx havia descoberto a lei do desenvolvimento da história dos homens, portanto, da história humana e, com ela, todo o conjunto da infraestrutura e da superestrutura presentes em cada formação social criada pelo homem no seu devir histórico. A esse respeito, Engels apud Fromm (1962, p. 231) disse:

Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana: um fato tão simples, mas escondido debaixo do lixo ideológico, de que o homem necessita, em primeiro lugar, comer, beber, ter um teto e vestir-se antes de poder fazer política, ciência, arte, religião, etc.; que, então, a produção dos meios imediatos de vida, materiais e, por conseguinte, a correspondente fase de desenvolvimento econômico de um povo ou de uma época é a base a partir da qual tem se desenvolvido as instituições políticas, as concepções jurídicas, as ideias artísticas e, até mesmo, as ideias religiosas dos homens e de acordo com a qual, então, devem ser explicadas, e não ao contrário, como até então se vinha fazendo [...].

Afirmara Engels de forma contundente que o homem necessita ser atendido em suas necessidades básicas para depois fazer história. Mas Engels não sublinhou o fator primordial que permite aos homens sua reprodução social, que é educação no processo de formação humana. Desta forma, supridas as carências básicas do homem e, no mesmo, de produção da vida há uma forma específica de educação, a qual permite o homem mover-se no mundo em conformidade com o processo social em que vivem, onde prevalece o trabalho coletivo para a existência da vida material. O fato primordial neste processo é que posto em movimento a produção da vida material pelo trabalho o desenvolvimento das forças produtivas ocorre de forma lenta, mas constante o recuo das barreiras naturais, na qual se expressa as transformações no mundo natural e no próprio ser que trabalho, transformando e modificando as relações de trabalho e as novas formas de sociabilidade que aparecem no meio social, com as condições dadas e encontradas na natureza, as quais torna complexa sua própria reprodução, o que faz do trabalho e educação elos permanente da existência do homem como totalidade social. Este fato é assegurado por Saviani (2007, p. 152), pois afirma que “trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa”. Neste processo, a educação, como parte constitutiva e complexa da totalidade social, possibilita aos homens orientar-se para novas transformações, e isso é um processo constante no devir do homem, cuja presença se manifesta na origem das primeiras formações histórico-sociais até as sociedades do presente.

A esse propósito, diz-nos Rodrigues (2001, p. 235) que:

[...] podemos reconhecer que a ação educativa é um processo regular desenvolvido em todas as sociedades humanas, que tem por objetivos preparar os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza [...].

Neste processo, há uma tomada de consciência da história dos homens, da humanidade, cujo devir histórico o torna um ser construtor, não só das bases que o mantêm vivo, que é a produção da existência material, cujo ato o leva a criar as condições de comer, beber, vestir-se, abrigar-se e a amar por meio do trabalho. Na relação trabalho, o homem também se torna um criador da vida social, balizada por uma determinada forma de produzir a vida e, com ela, cria um determinado modo dominante de produzir a vida, o que traz a consciência da mudança também como ato do homem, que é movido pela razão consciente de seu devir histórico. Com efeito, Heller (1981, p. 19) afirmara que “a consciência de história é principalmente a consciência da mudança. Não apenas ‘naquele tempo’ se confronta com o ‘agora’ e ‘aqui’, mas ontem e anteontem se confrontam com hoje”. Ou seja, o homem se confronta com sua história e se reconhece como ser histórico que necessita ser formado como ente social. Mas sua formação é complexa e exige dois processos distintos entre si, que formam a totalidade do ser social. Nesta perspectiva, Rodrigues (2001, p. 240-241) sustenta que:

O ato de formar o ser humano se dá em dois planos distintos e complementares: um de fora para dentro e outro, de dentro para fora. Pelo primeiro, ele ‘precisa ser educado’ por uma ação que lhe é externa, de modo similar à ação dos escultores que tomam uma matéria informe qualquer, uma madeira, uma pedra, ou um pedaço de mármore, e criam a partir dela um outro ser. [...] No segundo plano, educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade de sua própria formação [...].

O trabalho na vida do homem possui uma singularidade e uma universalidade, que é a existência do homem, cuja essência traduz toda sua história como indivíduo, mas que se manifesta no coletivo, em vida social materializada e em processo constante de reprodução pela via da educação, onde todos são educados para um fim. Para dar conta da individualidade que o reproduz e o reproduz também como um ser social há um princípio e uma relação. O princípio é o trabalho e a relação seu processo de formação na sociabilidade com os outros indivíduos. O ato este que estabelece na relação é o processo educacional orientado pelo princípio social e pelo conhecimento acumulado no devir do homem, pois sua existência efêmera como indivíduo o faz transmitir o que se aprendeu e o como aprendeu ao longo de sua existência por meio da própria experiência, o que o torna um sujeito da práxis, o que implica em afirmar que há uma prática, uma ação teórica e uma prática aprimorada pela experiência acumulada, que nada mais é do que o conhecimento acumulado no devir do homem. E este conhecimento se torna objeto de educação, ou seja, se torna objeto de ensino-aprendizagem, cujo ato Rodrigues (2001, p. 245) afirma que “[...] no processo educativo há uma experiência a ser transmitida aos mais jovens e ela só pode ser bem conduzida por parte de quantos a tenham vivido e que a compreendam como necessária na construção do mundo humano”. Dessa forma, Heller (1981, p. 133) afirmara:

Somos educados de acordo com um certo padrão de valores da vida cotidiana e de um determinado meio (cultura e classe social) por ele reproduzido. Na vida cotidiana, a prova da relevância dos valores é sempre pragmática e prática: no processo de aprendizagem deles tomamos-nos aptos a encontrar o caminho com a correção [...].

Percebe-se em Viera Pinto, Rodrigues e Agnes Heller, o princípio sobre o qual repousa a história da humanidade. Ela se educa em sociedade. E como faz isso? A sociedade educa o homem por meio de suas instituições humanas, pois o homem não pode ser desvinculado

do seu processo social, cuja identidade ele forja para sua vida material e a exprime em seu caráter social, cultural, religioso e político. Por isso, o homem é um ser que faz ciência como ato objetivo, para intervir no mundo de forma racional.

A esse propósito, Morschbacher (2019, p. 48) nos diz que:

A ciência é atividade humana realizada com a finalidade de conhecer o mundo e nele intervir, de acordo com as condições materiais e com as necessidades determinadas por essas condições. É atividade que é o reflexo das necessidades materiais humanas e do modo como estas necessidades são prática e materialmente produzidas e providas, em profunda conexão com um dado desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção.

Há, portanto, uma premissa fundamental neste processo, que é a reprodução da vida por meio do conhecimento e o método do conhecer tem uma tautologia, que é a reprodução da vida do homem. Se Lukács afirmara o princípio da teleologia² no nascimento do homem ao se afastar da barreira natural, o mesmo ocorre com o conhecimento na reprodução da vida material. Sem o processo de reprodução do conhecimento na vida do homem não há humanidade e a vida social soçobra. Dessa forma, a compreensão do fenômeno humano é que só há humanos no processo de formação, cuja materialidade dada pelo trabalho e educação asseguram as condições da existência humana no ato de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar nas condições humanas. Dessa forma, Maceno (2017, p. 30) diz-nos que “a relação estabelecida pelo trabalho dá-se entre homem e natureza, entre sociedade e mundo natural” pois este ao “[...] submeter as matérias-primas, os meios de trabalho, a legalidade biológica e as leis físico-químicas aos interesses sociais, o trabalho efetua o salto do ser orgânico para o ser social, porém, mantendo, para sempre, uma relação com o ser orgânico [...]. [Portanto], o trabalho é a efetuação do próprio salto ontológico” (MACENO, 2017, p. 30).

A esse propósito, diz-nos Saviani (2011, p. 81):

No princípio, o homem agia sobre a natureza coletivamente e a educação coincidia com o próprio ato de agir e existir, com o trabalho, portanto. O ato de viver era o ato de se formar homem, de se educar. E já que não existe produção sem apropriação, nesta fase inicial, os homens apropriam-se coletivamente dos meios necessários à produção de sua existência. Os meios de existência eram, pois de uso comum.

Nesse processo, o trabalho é a materialidade do homem, mas o que assegura sua reprodução é o conhecimento acumulado no devir histórico do homem e suas formas de transmissão (sinais, oralidade, escrita etc.). O ponto de partida é a necessidade imperiosa de comer, beber e suprir suas carências externas de vestir-se e se abrigar, o que o faz por meio da transformação da natureza, algo que hoje é simples, mas que muitos homens não conseguem supri-las na totalidade da vida material, posto que o capitalismo é uma formação social de concentração de riqueza e de miséria material.

Nesta perspectiva, Viera Pinto (2005, p. 47) afirma:

À medida, porém, que vão sendo compreendidos os processos naturais e descobertas as forças que os movimentam, com a conseqüente possibilidade de utilização delas pelo homem, para produzir artefatos capazes de satisfazer novas necessidades, e essa fabricação se multiplica constantemente, o mundo deixa de ser o ambiente rústico espontâneo e se converte em ambiente urbano, na casa

² “O pôr teleológico não é uma manifestação que ocorre exclusivamente na subjetividade; ela opera na realidade material. Uma posição teleológica só existe na concretude; ela só pode adquirir realidade quando for posta” (MACENO, 2005, p. 13).

povoada de produtos de arte e, na época atual, de aparelhos que põem as forças naturais a serviço do homem.

Nas palavras de Vieira Pinto está presente todo o potencial de desenvolvimento do homem, pois ele é uma consequência da racionalidade humana, cujo processo é a busca crescente em atender as novas necessidades humanas, sob o primado do domínio das forças naturais. Mas este domínio só se efetiva no processo educativo, onde a educação é o elo da racionalidade humana, cujo princípio está na própria origem do trabalho, como um pôr teleológico no devir do homem.

Não obstante, Rodrigues (2001, p. 243) afirma também o mesmo primado, sob o qual,

[...] a Educação, entendida como o processo de formação humana, atua sobre os meios para a reprodução da vida – e essa é sua dimensão mais visível e prática –, bem como coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do outro, constituir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos. A Educação envolve todo esse instrumental de formas de percepção do mundo, de comunicação e de intercomunicação, de auto conhecimento, e de conhecimento das necessidades humanas. E propõe-se a prover as formas de superação dessas necessidades, sejam elas materiais ou psíquicas, de superação ou de reconhecimento de limites, de expansão do prazer e outras. Educar requer o preparo eficiente dos educandos para que se capacitem, intelectual e materialmente, para acionar, julgar e usufruir esse complexo de experiências com o mundo da vida [...].

Com efeito, Leontiev (2004, p. 290) enfatiza que:

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas estão aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, 'os órgãos da sua individualidade', a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação.

Diante do que expuseram os autores pesquisados, temos a convicção sob o qual todos os órgãos e sentidos presentes na individualidade do humano são aptidões desenvolvidas no ato do trabalho e aperfeiçoadas pela educação no longo devir do homem. O humano é um processo evolutivo sob o qual há características que são peculiares no homem, mas seu processo evolutivo é um ato contínuo de objetividade humana sob o primado do trabalho e da educação. Este ato contínuo só se materializa na relação dele com os fenômenos presentes ao mundo que o circunda, incluindo outros homens, e isto é uma interação que exige comunicação e os tornam sociedade. Por isso a máxima sob a qual os homens fazem história, mas não as fazem como querem, as fazem sob determinadas condições dadas e encontradas na existência da vida material.

Conclusão

Humano e natureza são dois mundos criados pelo homem no ato do trabalho e da educação, que ocorreu no processo do afastamento da barreira natural sob o qual unia animal e natureza, como o grande Éden bíblico, na qual a objetividade se dava na pura existência do meio natural. Na criação do mundo humano, a natureza foi potencializada pela ação do trabalho do homem, ao transformá-la em objeto para si, assim como os

demais entes da natureza foram transformados em objetos de domínio e de conquista para o homem. Mas o trabalho, por si só também não transforma a natureza em objeto. Nele há um componente também teleológico no devir do homem e se materializa no trabalho, que é a educação. Pólos do mesmo elo, trabalho e educação são processos constitutivos do ser humano, que possuem distintos campos de ação, mas com a mesma finalidade, a reprodução da vida social do homem no mundo humano, uma vez que a natureza foi incorporada ao mundo humano ela passa a ter existência humana.

Na produção da existência material do homem ocorre o processo de criação do mundo humano, cuja base material é dada pelo trabalho na adaptação da natureza na luta pela vida, que é a condição máxima para que o homem possa comer, beber, ter um teto para se abrigar, vestir-se e amar como humano. Neste ato, trabalho e educação se manifestam cotidianamente na vida do homem, pois a natureza humana é a dádiva composta nessa relação, cujo alicerce se faz presente no longo devir do homem e é condicionante à reprodução do ser social humano.

Portanto, o trabalho é a constituição física do ser homem, sob o qual determinará a organização social de sua existência na luta diária pela vida, mas esse processo ocorre *pari passu* com a educação de forma dinâmica e dialética. Nesse processo, cada formação social criada no devir do homem há uma determinada estrutura social e uma correspondente superestrutura que dão forma a formações sociais distintas entre si, sob a qual o homem reproduz sua existência material a partir do trabalho e da educação presente na sociedade.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUARTE, Newton. **A individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. Campinas (SP): Autores Associados, 1993.

EINSTEIN, Albert. Porquê o Socialismo?. 1949. In. **resistir.info**. Disponível em: http://resistir.info/mreview/porque_o_socialismo.html . Acesso em 14 de maio de 2015.

ENGELS, Friedrich. Discurso Diante do Tumulo de Karl Marx. In. Erich FROMM, **Conceito marxista do homem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

FROMM, Erich. **Análise do homem**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

GUEDES, Maria Denise. **Educação e Formação Humana**: a contribuição do pensamento de Marx para a análise da função da educação na sociedade capitalista contemporânea. COLÓQUI MARX E ENGELS, V, Campinas (SP), 24/04/2007. **Anais [...]**. Campinas (SP): UNICAMP/CEMARX, 2007. Disponível em:

https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt5/s_essao4/Maria_Denise_Guedes.pdf . Acesso em 15 de setembro de 2019.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e Ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

LUKÁCS, Georgy. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LUKÁCS, Georgy. **Para uma ontologia do ser social II**. trad. Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MACENO, Talvanes Eugenio. **Educação e reprodução social: a perspectiva da crítica marxista**. São Paulo: Instituto Luckács, 2017.

MACENO, Talvanes Eugenio. **(Im)possibilidades e limites da universalização da educação sob o capital**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Alagoas – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação: Maceió, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, b. Bauer e Stirner e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MORETI, Vanessa Dias; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; RIGON, Algacir José. (2011). O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**; 23 (3): 477-485.

MORSCHBACHER, Márcia. O tema da ciência na dialética materialista. In. Rev. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 2, p 47-58., abr. 2019.

RODRIGUES, Niedson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. Rev. **Educação & Sociedade**, ano XXII, no 76, Outubro/2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf . Acesso em 06 de agosto de 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos; **Revista Brasileira Educação**. 12 nº 34 jan./abr. 2007.

TREBESCHI, Alberto. **Lineamentos da história do pensamento científico**. Coleção Teoria nº 38. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e Realidade Nacional**: a consciência ingênua. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Por que os ricos não fazem greve? **Caderno do Povo Brasileiro**. V. 4. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1987.

Submetido em: 21/03/2021

Aprovado em: 30/04/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)